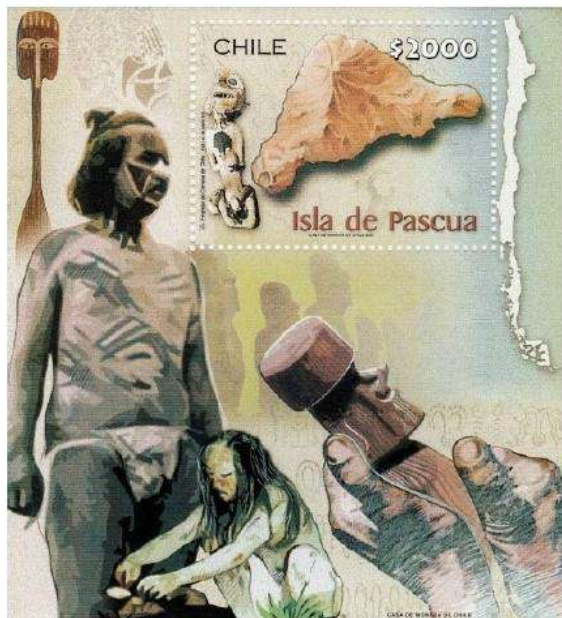


ILHA DE PÁScoa

Reinaldo Jacob

A Ilha de Páscoa é uma ilha vulcânica localizada no Oceano Pacífico Sudeste, pertencente ao Chile, localizado aproximadamente 3.700 km a oeste da costa do Chile e cerca de 2.000 km a leste da Polinésia Francesa, área de aproximada de 163,6 km². É famosa por suas gigantescas estátuas de pedra, conhecidas como moais, e sua intrigante história cultural.



Acredita-se que os primeiros colonizadores da Ilha de Páscoa eram polinésios, conhecidos como o povo Rapa Nui, vindos possivelmente das ilhas Marquesas ou da Sociedade, por volta de 800 a 1200 d.C. A migração para a ilha foi um feito notável de navegação, dado que a Ilha de Páscoa é uma das ilhas mais isoladas do mundo. Utilizando canoas e técnicas de navegação tradicionais, os polinésios conseguiram cruzar vastas áreas do Pacífico.

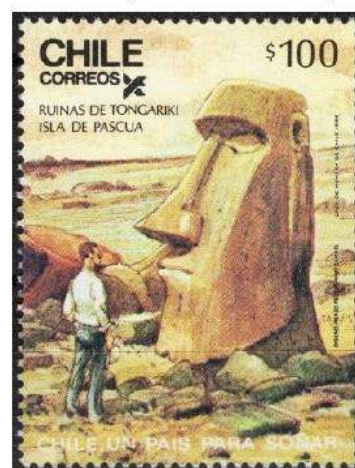
A ilha foi descoberta pelo explorador holandês Jakob Roggeveen no domingo de Páscoa de 1722, daí o nome "Ilha de Páscoa". Em 1888, a ilha foi anexada pelo Chile, tornando-se uma província especial. Baseada principalmente no turismo, com visitantes atraídos pelos moais e pela rica história e cultura. A agricultura e a pesca também são atividades econômicas importantes. A principal cidade, Hanga Roa, possui infraestrutura turística, incluindo hotéis, restaurantes e serviços turísticos.

Originalmente, a ilha possuía uma floresta de palmeiras que foi desmatada ao longo dos séculos. Atualmente, esforços de reflorestamento estão em andamento. A gestão do Parque Nacional Rapa Nui e a conservação dos moais e outros sítios arqueológicos são prioritários para o governo chileno e organizações internacionais.

A população da ilha é de cerca de 7.750 pessoas (2021), composta em sua maioria por descendentes dos Rapa Nui, além de chilenos continentais. O festival Tapati Rapa Nui é uma atração da ilha, realizado em fevereiro, celebra a cultura e as tradições Rapa Nui, com competições, música, dança e outras atividades culturais.

A sociedade Rapa Nui era hierárquica, com um sistema de clãs (mata) liderados por chefes (ariki). Cada clã tinha seu próprio território e ahus. Os ahus são plataformas cerimoniais de pedra sobre as quais muitos moais foram erguidos. Os ahus serviam como locais de enterro para membros importantes da sociedade Rapa Nui e como centros cerimoniais.

As emblemáticas estátuas monolíticas, chamadas moais, esculpidas pelo povo Rapa Nui entre os séculos XIII e XVI em rocha vulcânica, são uma das mais impressionantes realizações culturais desta civilização, conhecidas por seu tamanho monumental e sua misteriosa origem. Os moais



variam em tamanho, com a altura média sendo de cerca de 4 metros, com alguns atingindo até 10 metros e pesam até 75 toneladas. O maior moai, ainda inacabado, teria cerca de 21 metros de altura. A maioria dos moais foram esculpida em tufo vulcânico, uma rocha relativamente macia,



proveniente da cratera Rano Raraku. Algumas estátuas também foram feitas de basalto, trachita e escória vermelha. As estátuas geralmente retratam bustos de figuras humanas com cabeças grandes, longos narizes, lábios finos e orelhas alongadas. Muitos moais foram colocados em plataformas cerimoniais chamadas ahus.

Existem cerca de 900 moais distribuídos pela ilha, muitos localizados em plataformas cerimoniais chamadas ahus. Um sistema de escrita encontrado na ilha (Rongorongo), em tábuas de madeira hieroglífica, ainda não totalmente decifrado, é uma das poucas formas de escrita nativa da Polinésia. Houve um declínio populacional significativo antes da chegada dos europeus, possivelmente devido a conflitos internos, degradação ambiental e a chegada de doenças trazidas pelos europeus.

A religião desempenhava um papel central na vida dos Rapa Nui. Eles adoravam ancestrais deificados, representados pelos moais. Eles eram construídos para homenagear e manter a presença espiritual dos líderes falecidos e outros indivíduos importantes da sociedade. Acredita-se que os moais tinham uma função protetora, olhando para as vilas, mantendo um vigilante espiritual sobre as terras e seus habitantes. A maioria dos moais foi esculpida diretamente na cratera Rano Raraku. Ferramentas de pedra, principalmente de basalto, eram usadas para esculpir as estátuas.



O transporte dos moais das pedreiras até os ahus, muitas vezes a vários quilômetros de distância, ainda é um tema de debate e fascínio. Teorias sugerem que os moais foram movidos em posição vertical através de técnicas de balanço, usando cordas e madeira, ou em trenós de madeira. Uma teoria popular é que eles eram "caminhados" com o uso de cordas, balançando a estátua de um lado para o outro.

Alguns moais possuem cilindros de pedra vermelha (chamados pukao) em suas cabeças, representando possivelmente um penteado ou um chapéu cerimonial. Esses pukao foram esculpidos de uma rocha vulcânica chamada escória vermelha, extraída da pedreira Puna Pau.



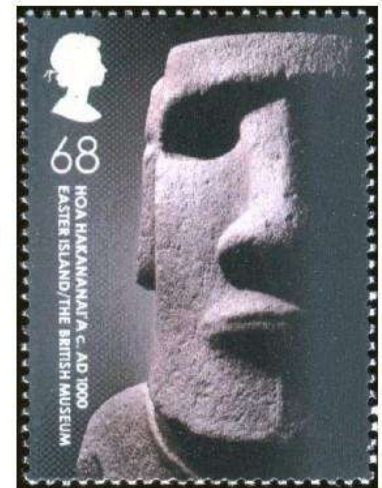
No século XVIII, muitas estátuas foram derrubadas durante conflitos internos e com a chegada dos europeus. Algumas teorias sugerem que desastres ecológicos, como a degradação ambiental e a superpopulação, contribuíram para o declínio da sociedade Rapa Nui, resultando na queda dos moais.

Os Rapa Nui praticavam uma forma intensiva de agricultura, cultivando batata-doce, inhame, taro e cana-de-açúcar. Eles desenvolveram técnicas como jardins de rochas para conservar a umidade do solo. Originalmente coberta por uma floresta de palmeiras, a ilha sofreu desmatamento severo devido à construção de

canoas, transporte de moais e práticas agrícolas. Este desmatamento contribuiu para a degradação ambiental e o declínio da sociedade.

A população da Ilha de Páscoa enfrentou vários desafios, incluindo conflitos internos, superpopulação, e a degradação dos recursos naturais. Esses problemas levaram a mudanças sociais significativas, incluindo o colapso da construção de moais. Com o declínio da construção dos moais, emergiu um novo culto centrado na competição anual do homem-pássaro (Tangata Manu), onde líderes competiam para obter “o primeiro ovo de uma ave marinha em uma ilhota adjacente”.

Esforços de preservação têm sido feitos para proteger os moais e outros sítios arqueológicos, incluindo o trabalho de organizações internacionais e do governo chileno para promover a sustentabilidade e o turismo responsável.



Os moais continuam a ser um objeto de fascínio mundial, atraindo turistas, pesquisadores e entusiastas da história. Eles representam não apenas a habilidade técnica e a devoção espiritual dos Rapa Nui, mas também servem como um poderoso lembrete das complexidades e vulnerabilidades das sociedades humanas.

Apesar dos desafios históricos, a cultura Rapa Nui continua viva hoje. Os descendentes dos primeiros habitantes ainda vivem na ilha, mantendo suas tradições, língua e práticas culturais.

A história dos primeiros habitantes da Ilha de Páscoa é um testemunho da resiliência e engenhosidade humana, bem como um alerta sobre os impactos da degradação ambiental e das mudanças sociais drásticas.

Nas últimas décadas, muitos moais foram restaurados e erguidos novamente, graças aos esforços de arqueólogos e do governo chileno. Hoje, os moais são protegidos como parte do Parque Nacional Rapa Nui, que cobre grande parte da ilha, que é um Patrimônio Mundial da UNESCO.

A Ilha de Páscoa continua a fascinar pesquisadores e turistas, sendo um dos locais mais enigmáticos e culturalmente ricos do mundo.

